

A coqueteria e a dança como elementos de sociabilidades entre idosos, em espaço social das serestas

Joerke, Gabriel

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Joerke, G. (2019). A coqueteria e a dança como elementos de sociabilidades entre idosos, em espaço social das serestas. *Idealogando: revista de ciências sociais da UFPE*, 3(1), 3-15. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-65489-8>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY-NC-SA Lizenz (Namensnennung-Nicht-kommerziell-Weitergabe unter gleichen Bedingungen) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.de>

Terms of use:

This document is made available under a CC BY-NC-SA Licence (Attribution-NonCommercial-ShareAlike). For more information see: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

A COQUETERIA E A DANÇA COMO ELEMENTOS DE SOCIABILIDADES ENTRE IDOSOS, EM ESPAÇO SOCIAL DAS SERESTAS

Gabriel Joerke*

THE COQUETRY AND DANCE AS AN ELEMENTS OF SOCIABILITY AMONG THE ELDERLY, IN THE SOCIAL SPACE OF THE SERESTAS

Resumo

A coqueteria e a dança são manifestações sócioafetivas tão antigas quanto a história da civilização. Como forma de jogo do erotismo e um dos elementos da sociabilidade, a coqueteria ocorre de forma leve, lúdica e ampla em espaços de lazer. A coqueteria, na visão simmeliana, é concebida como uma forma de relação intersubjetiva permeada pela paixão, pelo mistério e pelos pressupostos do amor. Nesse jogo, a coquete tem como comportamento característico despertar o desejo através de um jogo de antítese/síntese, insinuação e recusa. A possibilidade do ter e do não ter, como paradoxo, estão presentes, quando não na vida real, pelo menos na forma lúdica. Outro elemento importante no coquetismo é o andar “coleante”, traduzido no requebrado, no andar balanceado, o “bambolear das ancas” numa alternância contínua de mostra e ocultação, sem, contudo, chegar a uma decisão definitiva. A próxima etapa acontece quando ela toma forma adequada de sociabilidade. Ou seja, no momento em que o homem se livra da conotação erótica que, *a priori*, o jogo sinalizara. O papel do homem ultrapassa o papel de mero objeto para entrar no jogo. Ou seja, ao afastar-se do âmbito do desejo erótico, o jogo da sedução transforma-se em jogo da interação; um encanto pelo percurso, pelo meio; onde o gracejo e a ironia deambulam no contexto encantador da sociabilidade. A forma mais pura do coquetismo é a qual envolve uma atividade sem fim. Num estágio último, a coquete, ainda retém, nesse balanço de dar-se e de revelar-se um último sinal de mistério. O homem está

consciente, nesse momento, da promessa inicial que pode ou não ser cumprida (talvez sim, talvez não) pela coquete, mas também se compraz apenas com a arte ou jogo da qual se deleita ao fazer parte. Quando a coqueteria ou coquetismo se manifesta no transcórrer do canto, dramatizado pela dança, pode apresentar-se mais frenético e insinuante, dependendo do contexto. O espaço social do Palácio do Catete, na cidade do Rio de Janeiro, comporta ambientes sociais que possibilitam diversas formas de sociabilidades. Uma delas são as serestas que envolvem a música, o canto e a dança. Parte de um estudo mais amplo e utilizando como procedimentos de pesquisa a observação participante e o registro de sons e imagens, este trabalho, apresenta e descreve, numa perspectiva simmeliana, a coqueteria e a dança como elementos de sociabilidade entre idosos, em espaço social das serestas, no Palácio do Catete, na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-Chaves: Coqueteria; Canto; Dança; Sociabilidade

A COQUETERIA E A DANÇA COMO ELEMENTOS DE SOCIABILIDADES ENTRE IDOSOS, EM ESPAÇO SOCIAL DAS SERESTAS

Abstract

The Coquetry and dance are socio-affective manifestations as old as the history of civilization. As a form of the erotism's game and one of the elements of sociability, the coquetry happens in a soft, fun and wide way on leisure spaces.

The coquetry, in the Simmelian vision, is concepted as a form of intersubjective relationship permeated by the passion, the mystery and by the presuposts of love. In this game, coquetry has as characteristic behavior stimulate the desire through a game of anthesis/synthesis, insinuation and refusal. The possibility of having and not to have, as a paradox, are present, when not on real life, at least on the playful form. Another important element of coquetry is the "wobbling" walk, translated on the shaking movement, on the balanced gait, the "wobbling of the hips" on a continuous alternance between show and concealment, without, however, making a definitive decision. The next step occurs when they take the adequate form of sociability. In other words, in the moment when the man gets rid of the erotic conotation that, a priori, the game sinalized. The man's role goes beyond the role of mere object to enter the game. That

is, by moving away the scope of erotic desire, the game of seduction become a game of interaction; an enchantment by the journey, by the means; when joke and irony roam on the charming context of sociability. The purest form of coquetry is the form that involves a never ending activity. In last stage, the coquet, still retains, in this balance of giving and revealing himself a last sign of mystery. The man is conscious, at this moment, of the initial promise that may or may not be fulfilled by the coquettiness, but he also gets pleasure only by the art or the game which he delights of doing part of. The social space of Palácio do Catete, on the city of the Rio de Janeiro, maintain social environments that enable the possibility of many ways of sociability. one of them are the serenades which involves music, the sing and the dance. Part of an wider study and using as research procediments the participant observation and the recording of sounds and images, this work, presents and describes, in a simmelian perspective, the coquetry and the dance as elements of sociability among the elderly, in a social space of Palácio do Catete, on the city of the Rio de Janeiro

Keywords: Coquetry; Sing; Dance; Sociabilites

* Doutorando em Sociologia no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ/UCAM), na Linha de Pesquisa Sociedade Civil Organizada, Movimentos Sociais e Terceiro Setor. Doutor h.C em Literuatura pelo Centro Samaritano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos (CSACFH/RJ). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB/MS). Especialista em Educação para o Pensar pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Especialista em Filosofia pelo Centro Universitário da Várzea Grande (UNIVAG). Especialista em Didática e Metodologia de Ensino pela FIFASUL. Professor concursado de Educação Básica, Média e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT). Professor e coordenador do Curso Superior de Licenciatura em Ciências da Natureza com Habilitação em Biologia, no Centro de Referência de Jaciara, Campus São Vicente (IFMT).

E-mail gabriel.joerke@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-9131-4416>;
<http://lattes.cnpq.br/1294626671096024>

Introdução

Este texto tecerá considerações sobre os espaços sociais que propiciam formas e elementos de sociabilidades, em específico a coqueteira e a dança. Resultado parcial de uma pesquisa maior, em nível de doutorado e, utilizando da observação participante, abordaremos a coqueteira e a dança entre idosos nos contextos das serestas que ocorrem no jardim do Palácio do Catete, na perspectiva simmeliana.

Espaços sociais e formas de sociabilidades

Os espaços públicos de lazer são lugares que facilitam formas de interação carregadas de significados, onde as diferenças sociais são temporariamente embotadas. Para Simmel (1929) todo espaço público é construído socialmente, na medida em que as formas de sociabilidades e de apropriação desses espaços são dinâmicas e manifestam processos sociais mais amplos de uma sociedade dentro de um contexto de tempo e lugar.

Geralmente as pessoas buscam o espaço público visando o lazer. O leque semântico do termo *lazer*, oriundos do latim *licere*, segundo Ferreira (1986, p.1016) significa ser lícito, ser permitido. 1. Ócio, descanso, folga, vagar [...] 2. Tempo de que se pode livremente dispor, uma vez cumpridos os afazeres habituais. 3. Atividade praticada nesse tempo; divertimento, entretenimento, distração, recreio.

Dumazedier (1976, p.34) concebe o lazer como

o conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Para a realização do lazer o tempo livre é um elemento importante. Andrade (2001, p.47) entende por *tempo livre*

... a pausa na preocupação ou na dedicação produtiva de tarefas sistemáticas que dizem respeito aos diversos atos ou procedimentos relativos ao conjunto de cargos, funções e atividades, lucrativas ou não, em termos de *ganhos de bens diversos, sejam estes materiais ou não*.

Quanto às formas de lazer, Andrade (2001) assinala quatro tipos: a) lazer espontâneo, b) lazer programado, c) lazer esporádico e d) lazer habitual. O primeiro acontece como consequência não prevista de alguma atividade; o segundo, como o próprio assinala se dá com previsão e planejamento das atividades; o lazer esporádico, geralmente acontece de maneira

A COQUETERIA E A DANÇA COMO ELEMENTOS DE SOCIABILIDADES ENTRE IDOSOS, EM ESPAÇO SOCIAL DAS SERESTAS

fortuita ou ocasionalmente; a quarta forma, o lazer habitual, envolve descompromisso, prazer, liberdade e repetitividade.

Quanto às motivações que levam as pessoas à escolha de determinados tipos de lazer, Andrade (2001, p. 137) destaca:

1) A liberdade; 2) A paz de espírito; 3) A companhia agradável; 4) A ausência de problemas; 5) A solidão; 6) A convivência comunitária; 7) A conveniência econômica; 8) A conveniência financeira; 9) As situações novas; 10) As expectativas de conforto; 11) O poder aquisitivo; 12) O desejo de rupturas; 13) O desejo de aparecer; 14) O amor; 15) A paixão.

Entre os espaços de realização de lazer podem ser levantados: praias, esquinas, bares, cinemas, teatros, anfiteatros, casas de espetáculos, serestas, grupos de samba, blocos carnavalescos, gafieiras, cassinos, bibliotecas, praças e jardins públicos, museus, jogos públicos (futebol, basquete, bilhares, xadrez, damas, dado, cartela, baralhos, ludos, *tangram*, aquáticos, aéreos), jogos de misticismo, jogos eróticos, estádios, hipódromos, circos, tablados, ringues, entre outros (DUMAZEDIER, 2008; PRONOVOST, 2011; ANDRADE, 2001).

Neste texto, teremos como espaço físico e social de observação, o Palácio do Catete. Um espaço urbano e público de lazer, situado no bairro do mesmo nome, na cidade do Rio de Janeiro, onde é possível observar diversas formas de socialização, bem como, destacar elementos específicos de sociabilidades nas manifestações culturais. A seguir uma breve incursão.

Palácio do Catete

Construído, a partir de 1858, pelo português Antônio Clemente Pinto (1795-1869), o barão de Nova Friburgo, foi chamado inicialmente de Palácio de Nova Friburgo, depois Palácio das Águias, Palácio do Catete e, a partir de 1960, foi transformado em Museu da República pelo então presidente Juscelino Kubitschek. Proeminente edifício imperial, voltado para a rua do Catete, no Rio de Janeiro, estende seu jardim para o aterro do Flamengo. A decoração externa, ao estilo neoclássico europeu, bem como o mobiliário, foi encomendada na Europa. Segundo Almeida (1994), refletindo os padrões renascentistas, o prédio comporta três pavimentos internos: (1) serviços gerais, recepções preliminares e salão ministerial; (2) voltado para festas e grandes comemorações, destacam-se os vitrais, a capela e os diversos salões (Azul, Nobre, Pompeano, Amarelo, Mourisco e de Banquetes) e, (3) acomodava os dormitórios e setores mais reservados da família.

Cenário dos principais acontecimentos da República durante a primeira metade do século XX, além de residência aristocrática, serviu de sede da Presidência da República, por onde passaram 22 presidentes, desde Prudente José de Moraes Barros (15/11/1894 a 15/11/1898) a Juscelino Kubitschek de Oliveira (31/01/1956 a 31/01/1961). O Palácio abrigou: (1) a República recém-nascida; (2) as oligarquias dirigentes da República Velha; (3) o totalitarismo do Estado Novo; (4) a redemocratização do pós-guerra e, (5) o desenvolvimento dos anos 50. (ALMEIDA, 1994)

Não só de cenário político o Palácio serviu. Foram frequentadores os escritores Machado de Assis, Arthur Azevedo, Olavo Bilac, Guimarães Passos, Coelho Neto, entre outros. Inclusive Machado de Assis, em *Esaú e Jacó*, dedica um capítulo ao Palácio. Encontros sociais, promovidos por Nair de Tefé, na época, esposa do Marechal Hermes da Fonseca, eram acompanhados por recitais musicais. Segundo dados de Almeida (2011, p.17), “O maxixe *Corta-Jaca*, de autoria de Chiquinha Gonzaga, considerado um estilo de música e de dança impróprio para os salões da aristocracia, foi lançado no Palácio do Catete”.

O Palácio do Catete atualmente abriga o Museu da República em seu prédio principal, onde uma exposição permanente sobre a *Res pública* é aberta ao público. Outros ambientes socioculturais encontram-se distribuídos no seu interior: (1) A livraria, logo no corredor da entrada lateral, dispõe de uma variedade de material bibliográfico, filmográfico, entre outros; (2) salas para apresentações musicais e outros eventos, no piso superior do prédio anexo; (3) ainda na primeira parte térrea do prédio anexo, encontra-se o cinema, com aproximadamente 70 lugares; (4) entre a primeira e a segunda parte do prédio anexo, numa passagem térrea, existe um *bistrô*; (5) finaliza a parte térrea do anexo com a Galeria do Lago, criada em 1997, voltada para arte contemporânea; (6) na parte superior do anexo, de um lado está a biblioteca, a qual abriga um acervo de 16 mil volumes, entre livros, revistas, filmes, etc; (7) outros setores são utilizados por atividades administrativas.

Afora os ambientes internos ao prédio, outra preciosidade do Palácio é seu jardim. Considerado como unidade museológica, com 24 mil metros quadrados de área verde segundo dados do próprio acervo do Museu, foi tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual (IPHAN), em 6 de abril de 1938, e aberto ao público em 1960. Comporta diversos ambientes sociais, entre eles: (1) um pátio interno, utilizado para diversos eventos socioculturais; (2) uma pequena praça contendo o Chafariz dos Leões; (3) o jardim propriamente dito, dividido por um corredor central, rodeado de palmeiras, sendo cortado por um

A COQUETERIA E A DANÇA COMO ELEMENTOS DE SOCIABILIDADES ENTRE IDOSOS, EM ESPAÇO SOCIAL DAS SERESTAS

chafariz que contém o grupo escultórico *Nascimento de Vênus*, cujo prolongamento se direciona à saída posterior que dá ao aterro do Flamengo; (3) corredores periféricos à esquerda e à direita contendo bancos para visitantes, rodeados por gramados, árvores, estatuetas, esculturas, alegorias e animais; (4) uma gruta e um rio artificial; (5) um coreto e; (6) um parque infantil, no canto posterior esquerdo.

Sociação e sociabilidade

Espaço preñado de riqueza histórica nacional, hoje, o Palácio do Catete ou também chamado de Museu da República, propicia um leque variado de possibilidades de cultura e lazer, onde são construídas formas de sociação e sociabilidades. Por *sociação*, Simmel (2006) entende como

... a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados -, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses, sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana. (p. 60-61)

Abstraída do conceito *supracitado*, a *sociabilidade* seria “... a forma lúdica de sociação...” (SIMMEL, 2006, p.65). O prazer de *estar com o outro*, de *ser para o outro* e *estar junto ao outro*; nada além da satisfação dos instantes vividos ou de suas lembranças. Desta maneira estariam fora deste contexto: riqueza, posição social, privilégios, fama, erudição; bem como, o que se tem de mais pessoal tal como: maus humores, estados depressivos e ansiosos etc. Ratifica-se o princípio da sociabilidade, na medida em que “... cada indivíduo deve *garantir* ao outro aquele máximo de valores sociáveis (alegria, liberação, vivacidade) compatível com o máximo de valores *recebidos* por esse indivíduo.” (SIMMEL, 2006, p. 69).

Tendo em vista o anterior, não podemos esquecer que a necessidade de criar uma relação democrática e livre de tensões materiais leva a um mundo artificial de sociabilidade (tipo ideal). Isto posto, como seres humanos, não conseguiríamos nos desprender das nossas tribulações diárias. Por isso, Simmel (2006) nos alerta para a forma mais pura de interação, aquela que acontece entre iguais. Pessoas da mesma situação socioeconômica, com os mesmos valores interagindo num certo “faz de conta” que todos são iguais. (SIMMEL, 1976).

Uma das formas de sociabilidade encontradas no jardim do Palácio do Catete são as serestas. Em número de seis, cada uma tem aquilo que denominam de seu “dono”¹. Seu Vivi e seu Iberê, juntamente com o maestro Viana, deram início às atividades das serestas em 1992. Ditinha Viana, ex-cantora da Rádio Nacional, em 1998, solicitou à diretoria do Palácio horário e espaço para formar outra seresta aos sábados. Em 2010, a Lourdes Ferraz e o Adão (do cavaquinho) organizaram outro grupo seresteiro; na sequência, o Castanha e o Gaúcho. Distribuídas no espaço físico do jardim, funcionam de terça-feira a domingo, comportam aproximadamente de 30 a 40 integrantes cada uma. São utilizados instrumentos musicais tais como: violão, cavaquinho, pandeiro, tam-tam, chocalho, reco-reco e bandolim. Os frequentadores, na maioria, são idosos (septuagenários e octogenários) que residem no bairro e suas adjacências. Fuga da solidão, busca de companhias e partilhas, atrelados à opção pela busca de um lugar que lhes dê segurança, são motivações que levam os idosos ao ambiente das serestas, no contexto do Palácio do Catete. As diferenças sociais se desvanecem na tessitura que partilham prenhes de reminiscências, memórias, devaneios, sorrisos, suspiros, piscadelas, coqueteio, etc. A música, o canto e a dança acalentam lembranças do passado. Parte deles canta, alguns são profissionais da noite; outros amadores, apenas tocam instrumentos e, a maioria dança, sapateia e bate palmas. Embora sentimentos e emoções aflorem através da música partilhada, as serestas do Palácio não são identificadas como tradicionais. Vale fazermos um esclarecimento breve quanto a isso.

Da serenata à seresta

O termo *seresta* assinala Tinhorão (1998), surge no Brasil, no século XX, como desdobramento da antiga tradição de cantoria popular: a *serenata*. Esta se refere ao ato de cantar canções – de caráter sentimental, suave, envolvente – à noite, pelas ruas, com paradas ao pé das varandas das musas inspiradoras. No Período Medieval existiam os trovadores e menestréis. No século XVIII, na Península Ibérica (Portugal e Espanha), os integrantes eram denominados *serenatistas* ou *serenateiros*; hoje são chamados de *seresteiros*. O pesquisador, compositor e radialista Paulo Tapajós (1913-1990) definiu *serenata* como sendo um concerto ao sereno. Quando acontece dentro de casa, se chama *sarau*. Portanto, a seresta, que surgiu no transcorrer da primeira ou segunda década do século XX, é uma mistura de *sarau* com *serenata*.

Todavia, a seresta tem sofrido modificações tanto na forma quanto no conteúdo. De maneira didática e simplificada, é possível traçar duas vertentes de serestas: a seresta

¹ Os donos são: Ditinha Viana, Lourdes Ferras, Castanha, Bia, Seu Vivi e o Gaúcho.

A COQUETERIA E A DANÇA COMO ELEMENTOS DE SOCIABILIDADES ENTRE IDOSOS, EM ESPAÇO SOCIAL DAS SERESTAS

tradicional e a seresta moderna. Com forte apego ao costume boêmio original das antigas cantigas ou cantares – de amigo, de amor, de escárnio e de maldizer –, a seresta tradicional não se desvincula da sua forma de canto sentimental realizado nas ruas e varandas das enamoradas, tendo como principais instrumentos: violão, cavaquinho e pandeiro. Exemplos de serestas tradicionais são ainda realizadas em Conservatória, Distrito do Município de Valença, a 120 km do Município de Seropédica, rumo a Pirai e Barra de Pirai, no Estado do Rio de Janeiro. Com uma programação anual de eventos, o Distrito de Conservatória que este ano completa 136 anos de serenatas, abriga dois importantes museus: o Museu Silvio Caldas e o Museu da Seresta. O repertório transcorre por Noel Rosa, Carmem Miranda, Sílvio Caldas (considerado o “Melhor seresteiro do Brasil”), Guilherme de Brito, Vicente Celestino e Nelson Gonçalves, dentre outros. Estados como Minas Gerais e Rio Grande do Norte também praticam este tipo de atividade: músicas cantadas sob o sereno. Com tom melancólico, Raul Sampaio compôs e Francisco Petrônio interpretou *Tempos de seresta*:

Venho das canções em serenata
Dos luares cor de prata
Dos poetas ancestrais.

Onde aquele Rio de Janeiro
Dos balcões aos candeeiros
Que ninguém se lembra mais.

Venho das canções em noite bela
A cantar sobre a janela
Minha amada não me quis.

Resto de seresta a luz da lua
Que hoje anônima flutua
Pelos céus do meu Brasil.

Ouçam-me modernos trovadores
Que o cantar dos precursores
Não é mais o canto seu.

Sonho, amor, canção, poema, aurora
Tudo é pranto para quem chora
Na seresta, choro eu.

Muda o canto, a forma, o verso, a prosa
Mas a rosa é sempre a rosa
Sempre o mesmo este luar.

Meu pendor então se manifesta
Não é tempo de seresta
Mas me deixem recordar.

Por outro lado, existe o que chamam de seresta moderna, à qual vale reportarmos, de antemão, as críticas diferenciadoras, levantadas por Adelino Moreira e interpretadas por Nelson Gonçalves em *Seresta moderna*:

Seresta moderna não tem poesia
Não tem noite de lua
Não tem cavaquinho
Não tem violão
E nem mesmo um pandeiro
Para o samba ritmar.

Seresta moderna
Agora é *Hi-Fi*
Num canto da sala
Num apartamento
Vitrola tocando
Bebida rolando
Gritinhos nervosos
A todo momento.

Um gaiato cantando sem voz
Um samba sem graça
Desafinado que só vendo
E as meninas de copo na mão
Fingindo entender
Mas na verdade, nada entendendo
Pela madrugada
Tudo está em paz.

Ninguém sabe o que faz
Ninguém sabe o que faz
A noite termina
O samba tem fim
Amargurado por ser
Tratado assim.

Se por um lado, como diz seu Vivi, "... numa seresta não pode faltar a valsa", vemos que a seresta moderna que ocorre no Palácio, abre um leque, não só para a forma, quanto para seu conteúdo. Acolhe ritmos e gêneros diferenciados, embora predomine a música popular brasileira. Inseridos nessa forma de sociabilidades, podemos destacar nas serestas dois elementos de sociabilidades: a coqueteria e a dança.

A Coqueteria e a dança como elementos de sociabilidades

Dada a amplitude de ritmos e gêneros musicais no interior das serestas no Palácio do Catete, os cantos são acompanhados por instrumentos, conjuntos de palmeados e sapateados; por vezes no decorrer do canto não se dança ou se deixa para dançar nos momentos finais em formato de cortejo; algumas pessoas tão somente dançam, não cantam; os músicos não

A COQUETERIA E A DANÇA COMO ELEMENTOS DE SOCIABILIDADES ENTRE IDOSOS, EM ESPAÇO SOCIAL DAS SERESTAS

dançam. É nesta polifonia que se destacam e se entrelaçam dois elementos de sociabilidade: a coqueteria e a dança.

O principal texto de Simmel para análise, neste contexto, é *Psicologia do Coquetismo* (1909) inserido no seu ensaio intitulado “Filosofia do Amor”. A coqueteria é concebida como uma forma de relação intersubjetiva permeada pela paixão, pelo mistério e pelos pressupostos do amor.

O filósofo e sociólogo berlinense parte do pressuposto de que só acontece o jogo da coqueteria entre um homem e uma mulher. Nesse jogo, a coquete tem como comportamento característico

... despertar o prazer e o desejo por meio de uma antítese/síntese original, através da alternância ou da concomitância da atenção ou ausências de atenções, sugerindo simbolicamente ao mesmo tempo o dizer-sim e o dizer-não, que atuam como que ‘à distância’, pela entrega ou a recusa... (SIMMEL, 2006, p.95)

A possibilidade do ter e do não ter, como paradoxo, estão presentes, quando não na vida real pelo menos na forma lúdica. Nesse jogo, onde o homem deseja e a mulher provoca este desejo, é importante que aconteça de soslaio, “pelo rabinho do olho”, com a cabeça meio virada, sem se deter, clandestinamente, furtivamente, quase lá. Nas palavras de Simmel (2006, p. 96), o olhar

... não pode durar mais de alguns segundos, de sorte que, voltando-se para, ele já prefigura, com inevitável, o movimento de se esquivar. Ele tem a tração do segredo, do furtado, que não pode ter duração, onde, por conseguinte, o sim e o não estão intimamente mesclados.

Outro elemento importante no coquetismo é o andar “coleante”, traduzido no requebrado, no andar balanceado, o “bambolear das ancas” (SIMMEL, 2008) numa alternância contínua de mostra e ocultação, sem, contudo, chegar a uma decisão definitiva. É um balanço, onde o *conceder* e o *recusar*, realizados com maestria pelas mulheres, não deve chegar ao seu *definitivum*. Talvez sim, talvez não; num jogo eudemonista. Caso isso venha acontecer por fim à arte ou jogo em pauta.

A próxima etapa da arte do coquetismo acontece quando ela toma forma adequada de sociabilidade. Isso quer dizer, enfatiza Simmel (2006), no momento em que o homem se livra da conotação erótica que, *a priori*, o jogo sinalizara. O papel do homem ultrapassa o papel de mero objeto para entrar no jogo (SIMMEL, 2008). Ou seja, ao afastar-se do âmbito do desejo erótico, o jogo da sedução transforma-se em jogo da interação; um encanto pelo percurso, pelo meio;

onde, o gracejo e a ironia deambulam no contexto encantador da sociabilidade. É muito mais um *jogo* ou *arte*, neste momento, do que a própria necessidade de agradar. É a forma mais pura do coquetismo, a qual envolve uma atividade sem fim, como vemos a seguir:

Quando o homem já nada deseja além deste estágio, a convicção de que a coquete não toma as coisas a sério dá-lhe, perante ela, uma certa segurança. Não desejando o sim e sem recear o não, considerando indignas de atenção as eventuais recusas ao seu anseio, o homem pode entregar-se mais plenamente ao encanto desse jogo do que quando deseja, ou por ventura também receia, que o caminho empreendido leve alguma vez ao seu termo. (SIMMEL, 2008, p. 80-81)

Num estágio último, a coquete, ainda retém, nesse balanço de dar-se e de revelar-se “... um último quê misterioso, inacessível” (SIMMEL, 2006, p. 105) quase numa visão da eterna insatisfeita freudiana. O homem está consciente, nesse momento, da promessa inicial que pode ou não ser cumprida (talvez sim, talvez não) pela coquete, mas também se compraz apenas com a arte ou jogo da qual se deleita ao fazer parte. A essência da arte diferencia-se da do coquetismo. A primeira situa-se para além da realidade, sendo que, daí, seu olhar se desvia; a segunda, além de jogar com a realidade, faz parte dela.

O coquetismo, de certa maneira, está ligado ao amor. Este envolve um dualismo intermediário entre o ter e o não ter; do mesmo modo que o amor, não deverá ter fim. Jogo, arte, mistério, paixão, encantamento, maravilhamento são elementos presentes na coqueteria.

Ainda em seu ensaio sobre a coqueteria, Simmel assinala outras formas. O coquetismo também pode apresentar-se em tipos de comportamento geral. As pessoas “coqueteiam”, geralmente, com a realidade (VERNIK, 2009). A vida nas grandes metrópoles, além de nos influenciar com múltiplos incentivos, sejam eles, sonoros, visuais, etc, (SIMMEL, 1976) também nos obriga a, constantemente, “coquetear” frente às situações de tomada de decisões.

Embora Georg Simmel não trate da dança em si, como o faz com o coquetismo, podemos associá-la, pelas suas características, ao jogo da coqueteria. Nesse caso e, voltando para o contexto das serestas no Palácio, algumas ponderações são necessárias: (1) a maioria é participante idoso, septuagenários ou octogenários; (2) prepondera o sexo feminino; (3) o compromisso que têm é com o lazer e a distração; (4) a própria idade lhes apresenta limitações físicas motoras, por vezes mentais.

Em virtude disso, tanto a dança quanto o coqueteio se apresentam de forma leve e suave. O idoso que canta, gosta de ser escutado, observado, apreciado, elogiado, aclamado, solicitado e abraçado. Para tanto ele se prepara; vê-se nas vestimentas, nos adereços, nos cuidados com o cabelo e a maquiagem. O encontro é o momento do real, também do irreal; das

A COQUETERIA E A DANÇA COMO ELEMENTOS DE SOCIABILIDADES ENTRE IDOSOS, EM ESPAÇO SOCIAL DAS SERESTAS

aparências, também da dor embotada; do desejo aflorado e do contido; das lembranças, dos sonhos perdidos, dos devaneios. A idosa que se levanta para cantar, “incorpora” sua diva intérprete. Sente-se divina na atmosfera dos aplausos, dos olhares fulgurantes dos colegas, da aceitação tácita do grupo. Seu corpo reage ao som da música, dando vazão para o traquejo, o molejo, o vai e vem das cadeiras, o dar-se e não dar-se, num movimento contínuo de prazer e jogo. A idosa sabe que pode, através da música, do canto e da dança, suscitar sentimentos e emoções no grupo. Por outro lado, as pessoas que apenas dançam são impregnadas desse sentimento de prazer na e pela dança. Um exemplo de dança que envolve o coqueteio é o *maxixe*. Este, de acordo com Almeida (1994) consiste na “Dança de par unido, originária na cidade do Rio de Janeiro, onde apareceu por volta de 1870, que caracterizava-se pelo requebro dos quadris, voltas, quedas e movimentos, precursora do samba.” (p.78)

À guisa de conclusão

Como vimos, os espaços urbanos públicos de lazer (parques, jardins, largos, etc) são instâncias propiciadoras de tipos de sociação ou sociabilidades. O envelhecimento traz consigo uma série de limitações, além do estigma social. No entanto, existem idosos que se sobrepõem a isso e procuram por atividades prazerosas que preencham seu cotidiano. Uma das opções assinaladas no texto foi o Palácio do Catete, mais especificamente as serestas que ocorrem no interior do seu jardim. Idosos frequentadores do jardim desenvolvem o sentimento de pertença ao espaço físico e social. Elementos como a música, o canto, a dança e o coqueteio, perfazem esses encontros de partilhas. São momentos onde as classes sociais se diluem num frenesi de emoções do *estar com* e *ser com* o outro; um coqueteio com a realidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cícero Antônio F. de. **Catete: memórias de um Palácio**. Rio de Janeiro: Museu da República, 1994.

ALMEIDA, Cícero Antônio F. de. *Memórias de um palácio*. In: J. SAFRA Instituto Cultural. **Museu da República**. São Paulo: Banco Safra, 2011, p.13-18.

ALMEIDA, Renato. **Música e Dança Folclóricas**. 2.ed. - Rio de Janeiro: MEC, 1971 [Revista Brasileira de Folclore].

ANDRADE, José Vicente de. **Lazer: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva; SESC, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. revista e aumenta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- PRONOVOST, Gilles. **Introdução à sociologia do lazer**. Tradução de Marcelo Gomes. São Paulo: Senac/São Paulo, 2011.
- MUSEU da República. **Conhecendo o Museu da República: guia do Museu**. Rio de Janeiro: Museu da República, 1994.
- SAFRA, Instituto Cultural. **O Museu da República**. São Paulo: Banco Safra, 2011.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 11-25.
- SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Tradução de Artur Morão. Lisboa, Portugal: Edições Texto & Grafia, 2008.
- SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- VERNIK, Esteban. **Simmel: una introducción**. Buenos Aires, Argentina: Quadrata, 2009.

Recebido em 05/11/2017

Aprovado em 11/06/2018